

muitas vezes que um pecado em segredo é um duplo pecado, porque há mentira e covardia nele, e o escândalo ante os olhos do Senhor é sempre maior que o que se faz aos olhos dos homens.

E este Rabi de Nazaré me disse:

“O rigor da lei corresponde sempre ao que habita no coração humano, Judas. Não o esqueças, para que aprendas a julgar com justiça. Por seus juízos conhecerás os corações dos homens. Mas meu Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifício, quer um coração faminto de seu amor e sua sabedoria, ainda que seja um pecador, pois às vezes a virtude isolada do Bem pode ser pior que o próprio Mal.”

Este Rabi destruía a lei e as interpretações dos doutores e me escandalizei; mas em meu coração havia dita, porque suas palavras brotavam como não me atrevia a nomear sequer em meus mais piedosos sonhos. E este homem falava sem nunca se referir às escrituras como faziam os doutos e os sábios de Naim, em cujos pés também havia me sentado.

“O Pai a ninguém julga, mas deu todo o juízo ao Filho. E não vim para julgar aos homens, senão a dar testemunho da verdade; disse-me. Há quem julga aos homens, e muitas são as formas de adultério, e o desta mulher talvez não o seja, porque há fornicções que abominam meu Pai que está nos céus. E quando cheguem, a quem os julgue, dizendo que retiraram demônios e fizeram muitas coisas em seu nome, eu lhes direi nessa hora: Afastai-vos de mim, obradores de maldades.”

Estranhas palavras, estranho saber que me inquietava.

“Vens comigo, Judas?” perguntou-me começando a andar.

E eu o segui.

Não o sabia então, mas a partir desse dia tenho andado sempre com ele de geração em geração, porque nosso destino estava urdido desde o começo dos tempos.

Muitas coisas insólitas me disse; mas tudo a seu devido tempo.

Pois a alma do homem se remonta despregando suas asas pouco a pouco, à medida que a luz se expande nas trevas.

Muitas vezes quis perguntar-lhe o que havia feito comigo naquele dia

Capítulo III

Homem de linhagem Maya, dou-te aqui a primeira prova deste novo Katun:

Leva para o Homem Verdadeiro o sol que te pede, estendendo-o em seu prato, com a lança do céu cravada no meio de seu coração, e o Grande Tigre sentado sobre ele, e bebendo seu sangue.

Pois Nicodemos levou a luz de seu entendimento aos pés de Jesus, e o saber de Moisés era um aguilhão doloroso em seu peito, pois era somente saber; e desde então a garra da sabedoria lhe manteve sujeito.

Nicodemos carregava o peso dos anos de uma existência dedicada a mostrar aos jovens de seu tempo, como deveriam andar nos caminhos do Senhor.

E eis que o Rabi de Nazaré lhe havia dito essa noite acerca da geração que há de morrer para poder renascer em outra e assim poder viver. Havia-lhe dito assim:

“Tu és Mestre de Israel e não sabes estas coisas? Em verdade te digo, Nicodemos, falo-te daquilo que eu sei e que eu sou e dou testemunho do que vi; mas os homens de tua geração não querem receber meu testemunho. E se te digo coisas da terra e não as podes crer¹⁸, como poderás crer nas coisas que são do céu? Porque ninguém subiu ao céu senão o que desceu do céu, e este é o Filho do Homem que está no céu. E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim agora é necessário que o Filho do Homem seja levantado para que todo aquele que nele crê não se

18 N.T. “llevar”

perca, senão que tenha vida eterna.”

As palavras deste Homem Verdadeiro aprofundaram a ferida já aberta no coração do fariseu, e no fundo do seu peito indagava:

“Como; como haverei de fazer, Senhor?” Assim começou a morrer seu espírito de fariseu, e em sua mente ressoaram as singulares palavras que havia ouvido dizer aos discípulos o Galileu:

“Bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus.”

Assim começou a atrair sobre ele o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, que já velava por ele, mas ele ainda não sabia.

Seu coração sangrava em abundância, porque eram muitos os jovens que concorriam à sua casa em Jerusalém a escutar sua palavra. E, como ele queria servir ao Mui Elevado, ao ETERNO, em sua consciência ardia o fogo da morte que precede à ressurreição, e em seus ouvidos as palavras do Rabi Nazareno:

“Tu és mestre de Israel e não sabes estas coisas?”

E pensou em Judas, o jovem nascido nas longínquas terras de Kariot e em cujo coração ardia também o impulso sagrado que, ocultamente, acende a Princesa Sac-Nicté. Judas havia vindo aos pés de Nicodemos para também aprender a trilhar pelos caminhos do Senhor, que é o caminho do Mayab, e se alimentava com as palavras de seu Rabi, e se nutria delas, e seu Rabi lhe amava, e ele amava seu Rabi.

Pesado coração, o de Nicodemos àquela noite.

Homem de linhagem Maya, eis aqui a segunda prova: o Verdadeiro Homem quer que vás trazer-lhe os juízos do céu, pois nem todo aquele que diz “Senhor, Senhor” entrará no Reino do Mayab, mas sim aquele que faz a vontade do Pai, o Grande Senhor Oculto. E o Verdadeiro Homem tem muitos desejos de ver os juízos do céu, pois a Ele tem sido dado o Juízo.

Isto está escrito nas escrituras da Quarta Geração.

Se tens olhos, verás; se tens ouvidos, ouvirás.

Se ainda não os tens, entregando teu juízo ao Verdadeiro Homem, tê-lo-ás.

peques mais.”

Que lei regia a conduta deste homem para quem as escrituras pareciam não existir? Em que águas bebia sua sabedoria? Que tradição havia formado sua alma?

Todas estas perguntas se alçavam em minha mente como um torvelinho e meu coração estava sem poder entender, quando o Rabi, dirigindo-se a mim, disse-me:

“Bem vindo Judas de Kariot, aproxima-te de mim.”

E me aproximei com temor, mas o Rabi me pegou pela mão e me fez passar ao círculo que havia traçado com o pé, na terra, e me tranquilizei.

“Rabi, como sabes meu nome?” Perguntei.

“Todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai, pois seu anelo é o nosso,” respondeu. “Por que então não haveria de conhecer-te?”

Ambos guardamos silêncio; ele olhava meus olhos e eu os dele, e cada vez mais sentia a este homem em mim, e eu nele, mas não conseguia explicar-me e tão pouco compreender.

“Não te inquietes por ora, Judas,” disse-me. “Dia chegará em que compreenderás o que sentes agora, no entanto o trajeto da chama à luz é árduo.”

Passou um breve silêncio até que ele me disse:

“O que haverias feito tu em meu lugar?” Eu entendi que se referia ao juízo que havíamos recém presenciado. A mulher se afastava de nós, voltando a todo instante um semblante ansioso em direção a este Rabi.

Mas não pude responder; grande era minha confusão, porque a lei condenava o adúltero ao apedrejamento quando o surpreendia no ato, mas eu sabia que muito, e grande, era o adultério cometido em segredo e sem testemunhas. E assim muitos andavam livres de suspeitas, e os homens nada diziam porque nada sabiam do secreto adultério. E isto não estava contemplado na lei dos homens, e meu Rabi Nicodemos nos havia dito que este adultério unicamente o contemplava a lei de Deus, a quem ninguém pode mentir de coração. Tal era a virtude de meu Rabi Nicodemos e às vezes sua autoridade se apartava da letra da lei e nos havia dito

“Se a haveis surpreendido no ato e constatais seu adultério, eu digo: lapidem-na conforme a lei.”

Correu um murmúrio nervoso e de triunfo entre a multidão. A mulher tremeu de temor e de seus olhos caíram duas lágrimas aos pés desse homem, cuja palavra havia vibrado íntegra e suave no meio da multidão. Mas o murmúrio logo se apagou, porque o Rabi Nazareno voltou a olhá-los e os silenciou.

“Mas que atire a primeira pedra aquele que, entre vós, considere-se livre de pecado.”

Grande e temível foi o silêncio que seguiu a esta palavra. Porque, no coração de todos os judeus, o pecado estava sempre vivo, e diariamente tinham que recorrer aos rituais de purificação para ficarem limpos conforme a Tradição. E havia consciência neles que nem sempre se cumpria como é devido com os rituais de purificação. Ninguém ousou dizer que estava puro e limpo de pecado. Entretanto, estas palavras do Nazareno haviam sido um punhal incrustado em carne viva, e o ódio se desenhou nos rostos dos homens e dos fariseus, pois grande é a fraqueza humana, e sempre é melhor e mais cômodo ver o pecado alheio e ignorar o próprio; é fácil sentir-se virtuoso ante o impuro e amar a virtude para dar cumprimento à escritura e não para limpar de maus pensamentos o próprio coração. Assim nos havia dito nosso Rabi Nicodemos; tal era sua virtude, tal era sua austeridade. E então senti como o destino urdia para os tempos que viriam, e porque o coração de meu Rabi Nicodemos havia se turbado na noite anterior. Agora também havia se turbado o meu, e soube sem palavras, que o Rabi Nazareno tinha a potestade da Verdade, e que nele haviam-se unificado a graça e a lei...

A multidão se debandou rapidamente, e com ela se foi Nicodemos, pensativo, incomodado pelos novos presságios que delatava seu rosto¹⁹. Eu fiquei só frente ao Rabi de Nazaré, sem poder afastar-me.

Ouvi-o dizer à mulher:

“Onde estão pois, os que te condenavam? Nem eu te julgo. Vai e não

19 N.T. “por los nuevos presagios que delataba su rostro.”

E assim, quicá se cumpra para ti a profecia de Chilam Balam, profecia que alenta o passo da quinta à quarta geração, onde “eles falam com suas próprias palavras, e assim, talvez não se entenda tudo em seu significado; mas, igualmente, tal como tudo passou, está escrito. E será outra vez tudo muito bem explicado” (na quarta geração, geração invisível dentro de ti mesmo).

Porquanto todo o escrito nas Sagradas Escrituras, escrito em ti também está, em tua alma, se puderes ler.

Capítulo IV

Assim disse, pois:
Eu, Judas de Kariot, amava meu Rabi Nicodemos, que me ensinava a trilhar os caminhos do Senhor.

Servia-lhe como um discípulo digno de Israel deve servir ao seu Rabi e aguardava a minha hora de servir ao ETERNO, e em meu coração ardia o amor pela Verdade.

Mas, naquela manhã, meus olhos me fizeram ver que meu Rabi Nicodemos não era meu Rabi Nicodemos. Em seu rosto vi angústia e assim pude sentir como seu coração estava ferido, mas não sabia se sua ferida havia lhe causado o mal ou o bem que anelava; porque meu Rabi seguia o caminho dos sábios de Naim, conforme a tradição de Hillel.

Dispensou nessa manhã a todos os seus discípulos, menos a mim.

Quando fez isso, meu coração se agitou, e me pareceu que o presságio era obscuro, porque não alcançava compreender o que lhe ocorria. Era frequente nessa época ver rostos decompostos pela ira e a angústia entre os fariseus. E Jerusalém era berço de confusão. Pôncio Pilatos, procurador romano, queria para si os tesouros do templo, queria construir um aqueduto pelo que lhe recordassem até outros tempos. E nas ruas o povo se agitava em meio de um buliçoso falatório no qual se percebia o ódio por Roma.

E um homem humilde, vindo da longínqua Galileia, havia acendido em seus peitos uma nova esperança, falando-lhes de liberdade. E os pátios do templo eram testemunhas mudas por onde seu ensinamento ressoava, e os homens recolhiam suas estranhas palavras e os estranhos feitos deste

Rabi havia me deixado tal qual uma criança abandonada à suas próprias trevas, perdido o fio que pensava encontrar a seus pés. E eis que o Nazareno me dava seu silencioso “boas-vindas”, e por um instante pensei que ia perder-me nele e com ele.

Foi só uma olhar, mas ele me mostrou um destino que se expandia de uma estranha forma, impossível de descrever com palavras. Intuí um destino que não corria na largura nem na altura e nem no comprimento, senão que fazia destas três proporções uma distinta proporção na qual estavam todas as demais. E era um estranho mundo no qual me sentia perdido.

Porque por um instante não tinha sido eu, senão o Rabi que me olhava, e tive medo, e meu coração se turvou, e logo voltei a ser eu mesmo, e o olhei.

Ele também me olhou, e desta vez sua alma sorriu dentro de mim, e me senti perdido.

Foi uma estranha experiência, a desta manhã.

Voltei meus olhos para meu Rabi Nicodemos para implorar seu auxílio, mas ele havia se afastado de mim e estava ouvindo alguém que lhe explicava o incidente do momento. Mas eu poderia jurar que estávamos todos vivendo nesse lugar há séculos.

“Responde pois,” disse um fariseu ao Nazareno.

Meus olhos se fixaram no estranho Rabi; vi ele traçar um círculo na terra, com a ponta do pé, e nele envolveu a mulher que estava ao seu lado e em quem eu não havia reparado ainda. A mulher sofria uma vergonha, mas o círculo que o Rabi havia traçado na terra envolveu-a também. E até agora juraria que ninguém pudesse penetrar nele.

O ambiente estava tenso, carregado de ameaças. E eu me dispunha a defender o Nazareno porque ouvia às minhas costas palavras de impaciência e de maldade; mas ele me acalmou com seu olhar sereno e da mesma maneira que antes havia agitado meu coração agora o acalmava. E fiquei quieto, em paz, esperando.

E o Nazareno, fixando seus olhos nos fariseus, disse:

Capítulo V

Marchamos juntos, em silêncio, em direção ao Templo. E ao chegar aos pátios não foi difícil encontrar o Rabi Nazareno. Rodeava-lhe uma multidão e nela também havia alguns fariseus.

E o silêncio que encontramos estava repleto de ameaças.

Muitos na multidão abriram passo para que meu Rabi Nicodemos se aproximasse, pois todos o conheciam e o estimavam como um homem de virtude e saber.

E vi o Rabi Nazareno.

Pôs sobre nós seus olhos, em silêncio. E neles brilhava um estranho fulgor, mas seu rosto era sereno e forte, e, quando pôs seu olhar em mim, acreditei notar nele uma mensagem especial que me mandava sua alma, e senti que sua alma sorria e a minha também, e senti que nesse olhar ele me saudava com boas-vindas, como o dá unicamente quem esteve separado durante muito tempo de um ser que ama.

Houve alegria em meu coração; mas meu pensamento permanecia turvado.

Soube neste instante que logo este homem estranho seria meu Rabi, e que eu também me sentaria a seus pés para beber de suas palavras; então senti uma dor aguda em meu coração, que significava que haveria de deixar a meu Rabi Nicodemos para ir atrás do estranho profeta que procedia da distante Galileia, de onde nada de bom poderia vir.

Houve ainda mais angústia em meu coração. Uma hora antes meu

homem que, sendo judeu, profanava o sábado curando enfermos, e não guardava os preceitos de pureza, e bebia vinho, e comia carne com publicanos e com pecadores, dizendo que havia vindo a perdoar pecados e não a condenar aos pecadores. E entre os que o seguiam estava Maria, a prostituta de Magdala, e o agente dos publicanos Levi, e estranhos homens que pescavam, e um moço, João, e seus irmãos.

Estranhas coisas dizia este Rabi, estranhas coisas fazia. Mas os que o amavam diziam, por sua vez, que o que ele ensinava fazia doce o amargor das lágrimas do coração, e que os sábios de Naim, os mais doutos e puros da terra, achavam em suas palavras tesouros ocultos de Hillel, belezas do Talmud. Mas não podiam entender suas ações, pois para eles toda ação havia de ter por fundamento o temor a Deus.

E eis que este Rabi havia dito:

“Tanto ama Deus ao mundo que mandou o seu Filho Unigênito para que seja salvo, e não para condená-lo.”

Estranhas palavras nas quais não havia nenhum temor.

E também havia dito:

“Amarás a teus inimigos.”

Havíamos pois, de amar os inimigos de Israel?

Nas sábias palavras da Lei de Moisés, meu Rabi Nicodemos nos havia repetido a tradição de nossos pais, mas eis que este Rabi da longínqua Galileia não se apoiava em escritura alguma e, por outro lado, proclamava ante o povo e ante os doutores da Lei:

“Esquadrinhai as escrituras, porque antes que Abraão fora, Eu Sou.”

Nessa manhã, quando percebi a angústia no rosto de meu Rabi Nicodemos, o presságio me disse que o que ocorria era por causa deste Nazareno que anunciava o batismo com fogo do Espírito Santo.

“Judas”, disse meu Rabi; “tu tens vindo desde as terras de Kariot a beber os mandamentos do Senhor e a trilhar por seus caminhos segundo a tradição”.

Eu guardava silêncio.

“Judas, tende piedade de mim,” continuou meu Rabi Nicodemos.

“Consome a dúvida; sou um homem de coração atribulado. Não estou seguro de que meu saber seja bom, não estou seguro que te esteja ensinando a trilhar pelos caminhos do Senhor.”

Graves palavras, estas que me disse meu Rabi Nicodemos.

Graves, porque na austeridade de sua virtude muito era o que exigia de nós, os que havíamos vindo a ele para estudar com diligência a verdade da Torá. Graves palavras, porque era este homem um alto membro do Conselho dos Anciões em Jerusalém, homem douto e puro, e respeitado, e amado.

Contive pois o alento para não responder, e vi a palidez em seu semblante, e o tremor em suas mãos, e a exaustão de seu espírito.

“Temos perdido o fio que conduz à verdade,” disse. E citou aquelas palavras de Moisés que como fogo ardiem em seu coração, e me contou a entrevista da noite anterior, e como as palavras do Rabi Nazareno haviam aumentado a sua sede e a sua dor simultaneamente. E o Rabi Nazareno também lhe havia dito:

“Só quem crê haver perdido o fio que corre através dos tempos tem o verdadeiro fio em suas mãos e quando encontre sua alma, não a perderá.”

Que estranho mistério e paradoxo encerravam estas palavras?

Protestei com veemência, porque ao citá-las meu Rabi Nicodemos havia acendido a dúvida no mais fundo do meu peito, e eu sofria e não queria mais tribulações. Por isso tinha ido até ele, para encontrar refúgio e abrigo em seu ensinamento e assim poder ter sempre um fio sujeito entre as mãos.

Falamos disto durante muito tempo, mas ele me observava compassivamente e terminou dizendo:

“Em tua veemência há temor ao destino, Judas. Vem comigo, iremos juntos escutar a este estranho Rabi.”

E já era notório em toda a Jerusalém que este estranho Rabi havia expulsado os mercadores do Templo, açoitando suas espáduas com um látego e chamando-os de ladrões que haviam convertido a casa de seu Pai em uma guarida.

Eu protestei ante meu Rabi Nicodemos, pois os mercadores permitiam cumprir com as demandas do sacrifício.

“Guarda tua língua, Judas,” disse-me. Pois em sua austeridade meu Rabi havia posto valado à maledicência e não era como outros fariseus que se entregavam à censura e à murmuração.

“É preciso que encontremos o fio de nossos pais,” disse. “Porque naquelas palavras, que ontem à noite queimaram meu coração o Rabi Nazareno me disse a verdade...”

Não pude suportar estas palavras: meu coração se agitou com violência e a meus olhos chegaram rios de lágrimas e senti a dor de meu Rabi como se fosse minha. Eis que, dizia-me, eis que meu Rabi se diz em trevas, quais não serão pois, as minhas? Quais não serão, pois, as da juventude de Israel? Meu Rabi, luz das luzes, refúgio de nossa juventude, disse-me que também está em trevas e já não terá mais uma resposta precisa para dissipar nossas dúvidas e me abandona no meio de uma multidão de estranhos sentimentos.

E me senti perdido como uma criança de peito, a quem sua mãe abandona para ocultar sua vergonha...